

BICENTENÁRIO DA RESTAURAÇÃO DA COMPANHIA DE JESUS

João Evangelista Martins Terra

A Companhia de Jesus, ordem dos jesuítas, foi supressa pelo Papa Clemente XIV no dia 21 de julho de 1773 e restaurada 41 anos depois no dia 7 de agosto de 1814, há duzentos anos.

No conclave que elegeu Clemente XIV, alguns cardeais eleitores diziam que não estavam reunidos no conclave para elegerem um papa, mas para suprimir a Companhia de Jesus. A Santa Sé e os Estados Pontifícios estavam enredados nas mais intrincadas maquinações das cortes borbônicas. Por detrás das cortes borbônicas estavam os enciclopedistas, máximos representantes da Ilustração que condenaram a morte da Companhia de Jesus, porque na mão dos Jesuítas se achava a educação da juventude na Europa e na América. Havia, na época, cerca de 22.600 Jesuítas, com 24 universidades e 817 colégios e seminários, os quais com sua *Ratio Studiorum* com tendência estritamente humanista, no sentido clássico da cultura, exercia uma espécie de monopólio do ensinamento cristão, que opunha uma barreira inexpugnável ao deísmo e ao secularismo de D'Alembert, Diderot, Voltaire. A Santa Sé estava dominada pelas cortes borbônicas da Europa que ardiam pelas labaredas anticlericais dos filósofos e protagonistas franceses, aguerridos detratores dos Jesuítas.

O conclave que elegeu Clemente XIV durou de fevereiro a maio de 1769. Os embaixadores francêss, espanhol, napolitano apoiavam os cardeais das cortes borbônicas que traziam de seus governos a consigna de eleger um cardeal que se comprometesse, por escrito suprimir a Companhia. E o cardeal escolhido foi Lorenzo Ganganelli, frade franciscano conventual.

Apenas eleito, Clemente XIV sofreu uma tremenda opressão do embaixador espanhol Moñino, que aterrorizava o papa ameaçando represálias das cortes borbônicas. Dizia que o rei da Espanha, Carlos

III, poderia expulsar todas as ordens religiosas da Espanha, se o Papa não suprimisse os jesuítas. Por fim o papa assinou o breve *Dominus ac Redemptor*, suprimindo a Companhia de Jesus, no dia 21 de julho, mas que foi impresso na embaixada da Espanha nos dias 24 e 28 de julho de 1773.

Clemente XIV nomeou uma congregação de 5 cardeais (Maredoschi, Andrea, Corsini, Zelada, Francesco Carafa, Antonio Casali) e dois prelados (Aldoni e Macedônio) para levarem a cabo a execução do breve e confiscarem todos os bens móveis e imóveis de Roma e dos Estados Pontifícios. Eles se encarregaram do registro de todas as casas da Companhia. Eram então 22.589 Jesuítas dos quais 11.293 sacerdotes. A comissão cardinalícia ordenou que prendessem e isolassem o velho e doente Padre Geral dos Jesuítas, Lorenzo Ricci, que foi encerrado numa masmorra fria e lúbrica de Castel Sant'Angelo, sem poder comunicar-se com o exterior nem com todos os outros Jesuítas encarcerados. Nessa prisão Ricci morreu isolado na noite de 24 de Novembro de 1775. O novo Papa Pio VI, que tinha acabado de ser eleito, enviou-lhe uma bênção paterna e queria dar-lhe a liberdade, mas tinha medo do embaixador da Espanha, Moñino, que era o autêntico carcereiro de suas vítimas.

A restauração da Companhia em 1814 foi precedida por várias tentativas preliminares. A supressão brusca da Companhia de Jesus causou uma calamidade no campo da educação e instrução da juventude na Europa e na América. Os jesuítas regiam no mundo ocidental 24 universidades e 817 colégios e seminários por cujas aulas tinham passado papas, bispos, príncipes e nobres, escritores célebres, cientistas e gentes de todas as classes sociais, que conservavam daqueles colégios a melhor recordação. Além disso, os templos jesuítas eram os mais importantes e mais concorridos; seus pregadores figuravam entre os mais famosos.

Depois da abolição da Companhia de Jesus, o papa Clemente XIV viveu somente 1 ano e 6 meses, sem gozar um dia de paz e duvidava se os motivos que o levaram à supressão eram válidos e conducentes para o bem da Igreja, que estava indo cada vez de mal a pior.

O historiador J. Cretineau Joly que escreveu a história da supressão, diz que o papa Clemente XIV teria exclamado: *Compulsus feci!* (Eu fiz coagido!).

O breve pontifício só teria valor em cada país se recebesse o *placet* dos reis desses lugares. Nas nações católicas não houve

dificuldade para promulgação e execução do breve pontifício, mas houve dificuldade no Reino da Prússia e na Rússia Branca.

O monarca do Reino da Prússia, Frederico II, preocupado com a sorte que corria o seu império ao ver-se privado do ensinamento dos Jesuítas que eram os únicos educadores da juventude, escreveu ao Papa Clemente XIV, ao saber da iminente supressão em toda a Igreja, dizendo que estava contente com os Jesuítas que tinha em seus domínios, particularmente na Silésia (onde havia centenas de Jesuítas) e que, se forem abolidos os Jesuítas, ele os manteria em seu Estado. Quando chegou o breve em suas terras, proibiu terminantemente sua promulgação e, sem o *placet* régio, nenhuma autoridade eclesiástica se atreveu a dar-lhe publicidade. Entrementes ordenou ao seu agente em Roma, Ciofani, que alcançasse do Papa a dispensa do breve, pois queria conservar na Silésia e na Prússia os Jesuítas, que eram indispensáveis para a educação da juventude e, imediatamente, ordenou ao superior, Pe. Wantenberg, que convocasse uma congregação geral. O monarca queria que o Padre Geral da Ordem dos Jesuítas se estabelecesse na Prússia. Com a morte repentina de Clemente XIV (1774), Frederico II estabeleceu negociações com o Papa Pio VI (1775-1799), mais favorável aos jesuítas. Pio VI respondeu a Frederico que, por temer desacatar os Bourbons, não queria aprovar explicitamente a continuação dos Jesuítas; mas, se o rei achasse um meio de mantê-los em vida, não se oporia com censura alguma; assim tranquilizou o rei prussiano.

Mais interessante e providente foi o que aconteceu na Rússia Branca. Quando chegou a notícia da abolição da Companhia de Jesus à Polônia, que continha 2.400 Jesuítas, ela já estava desmembrada e incorporada na Rússia e tão ameaçada em sua religião católica que não se poderia manter sem o suporte dos Jesuítas, mas quando Catarina II arrebatou a Polônia à região da Rússia Branca ela prometeu aos novos súditos que manteria intacta a religião católica; por isso ela se empenhou em manter os Jesuítas, proibiu severamente a publicação do breve e ordenou aos Jesuítas em 1774 a continuar suas atividades, enquanto tratava com o papa o negócio de sua legalidade.

Moñino, irritado com o progresso da Companhia de Jesus na Rússia Branca investiu contra o papa com ameaças e represálias, dizendo que o Rei Carlos iria expulsar todas as ordens religiosas da Espanha. Ao saber disso, Catarina dirigiu ao rei da Espanha a seguinte carta:

“Faço saber a V. M. a resolução que tomei a conservar o Instituto dos Jesuítas em meus estados por motivos que eu sei. E assim como eu não me opus às intenções de V. M. em vossa monarquia a respeito desses mesmos religiosos, espero que V.M. não ponha obstáculo algum ao que eu faço em favor deles dentro de meu Império”.

A Tzarina, com faculdades recebidas de Roma, intimou o Bispo Mohilem a abrir um noviciado em Palock. Em 1783, o Papa Pio VI aprovou de viva voz a existência dos Jesuítas na Rússia Branca: “*Approbo Societatem Jesu in Alba Russia degentem, approbo*”.

Com a morte de Carlos III em 1788 o núncio de Madri, Mons. Hipólito Vicenti, se atreve a pedir instantemente a Roma o reestabelecimento universal da Companhia de Jesus, porque “não se pode negar — escreve ao Secretário de Estado da Santa Sé — que os Jesuítas foram sempre os maiores sustentadores da religião e da Sé Apostólica”.

Pio VI animou o jesuíta o espanhol Pe. José Pignatelli a unir-se, com outros companheiros, ao grupo da Rússia. Com alguns companheiros, Pignatelli pôs-se a caminhar, mas parou na Itália a fim de preparar a plena ressurreição da Companhia de Jesus. Chamado pelo Duque de Parma, abriu em Colorno um noviciado (1779) e foi nomeado em 1803 Provincial da Itália. Ele foi o anel de ouro que serviu entre a antiga e a moderna Companhia, transmitindo à nova geração o primitivo espírito e os altos ideais de Santo Inácio. Morreu em 1811, três anos antes da total restauração por Pio VII em 1814.

A restauração da Companhia de Jesus seguiu um processo de várias etapas, cujo início foi o breve *Catholicae Fidei* de Pio VII em 1801, no qual aprovou e confirmou a Companhia de Jesus no Império da Rússia e ordenou que os Jesuítas residentes na Rússia seguissem a regra de Santo Inácio, aprovada por Paulo III. Pio VII colocava os jesuítas debaixo de sua imediata proteção e dependência e lhes dava as faculdades necessárias para exercitarem seus ministérios. Ficava abrogado o breve *Dominus ac Redemptor* em todo império da Rússia. Em 1808, havia na Rússia Branca 214 jesuítas (24 sacerdotes, 74 escolásticos e 46 irmãos).

No dia 30 de julho de 1804 o mesmo papa Pio VII estendia essa concessão ao reino das Duas Sicílias, a pedido de Fernando IV com o breve *Per Alias*, dava as faculdades oportunas ao Padre Geral Gabriel Grumber, insistindo particularmente no apostolado da formação e ensinamento da juventude nos colégios e seminários. Em 1804, havia no Reino de Nápoles 124 Jesuítas, sob o governo de José Pignatelli,

dos quais se originou, em Roma (1806), a Província Romana, com um noviciado em Orvieto e um colégio em Tívoli e a casa de “terceira provação”, “com casa professa”, em Roma. Nesse tempo 17 padres e 13 juniores formaram a Província da Sicília, sob o governo de Gaetano Angiolini, que era também procurador geral da Companhia de Jesus.

O terceiro passo definitivo deu-se no dia 7 de agosto de 1814 com a bula *Sollicitudo Omnium Ecclesiarum*, de Pio VII, a instâncias de quase todo orbe católico e devido a muitas circunstâncias urgentes, entre as quais, a decadência da disciplina nas congregações religiosas e a necessidade de “valentes remadores” para enfrentar a tempestade que pretendia engolir a nave da Igreja. A bula pontifícia derroga totalmente o breve *Dominus ac Redemptor* e dá todas as faculdades necessárias ao Padre Geral Tadeu Brzozowski. Um dos jesuítas presentes ao ato da promulgação da bula *Sollicitudo Omnium Ecclesiarum* escreve: “No dia 7 de agosto de 1814, oitava da festa de Santo Inácio, Pio VII foi ao *Gesù*. Disse a missa no altar de Santo Inácio. Depois foi tomar chocolate e, imediatamente, fez ler a bula, numa capela interior da Casa, com assistência de 18 cardeais, muitos bispos e prelados e de todos os jesuítas que viviam no Colégio do *Gesù*”.

Quando se realizou a restauração definitiva (1814), os Jesuítas de todo o mundo eram uns 600. Logo se lhes agregaram numerosos jovens. Em 1820, já eram 503 sacerdotes, 482 escolásticos e 322 irmãos.

No Brasil os Jesuítas retornaram em 1841, 88 anos depois da expulsão dos domínios portugueses, em 1759. Começaram suas atividades no Sul do Brasil: Rio Grande do Sul e Santa Catarina. O número de Jesuítas seguia uma curva ascendente até 1965, quando chegou a 1461. Mas, depois do Concílio Vaticano II, começou uma decadência rápida em 1970, baixou para 1.097. Hoje estão reduzidos à metade disso.

**Dom João Evangelista Martins Terra, SJ.
Bispo Auxiliar Emérito de Brasília**